RODOLPHO PAIXÃO

SCENAS DA ESCRAVIDÃO

POEMETO

VICTOR HUGO E CASTELLAR

SENIO

RIO DE JANEIRO
NA LIVARIA DE SERAFIM JOSÉ ALVES—EDITOR
83—Rua Sete de Setembro—83

PLACIDO DE ABREU
A crapula, poema realista, segunda edição, 1 v.......... 1$000
DR. LUIZ CARDOZO
Collecção de modinhas, recitativos, etc., 1 v.......... 1$000
CARLOS FERREIRA
Redivivas, poesias 1 v.......... 3$000
ANTONIO FIGUEIRA
Adejos 1 v.......... 1$000
MARIUS
Volubilis, poesias, 1 v.......... 2$000
ANTONIO MOREIRA DE VASCONCELLOS
Aljofaras, poesias.......... 1$500
JOSÉ BAZILIO DA GAMA
Uraguay, poema.......... 1$000
CARLOS D'ESTE
Historiaphobia, lições de historia universal.......... 1$000
GONÇALVES DIAS
Obras posthumas, com autographo do immortal poeta 6 v.......... 20$000
LUIZ JOSÉ PEREIRA DA SILVA
Olnacia, poema romance.......... 2$000
ARTHUR AZEVEDO
O dia de finados, satyra com vinhetas.......... $100
JOSÉ DE MORAES E SILVA
Os dous piratas.......... $100
DR. JOAQUIM MANOEL DE MACEDO
Mazellas da actualidade.......... 1$000
CAETANO DA SILVA
Folhagens.......... 2$000
LOPES
Lamentos, poesias.......... 1$000
ARAUJO FILGUEIRAS
Idyllios.......... 2$000
GOMES LEAL
A fome de Camões, poema.......... 1$000
Claridades do sul.......... 2$000
A traição.......... $200
DOMINGOS JACY MONTEIRO
Canto e Soneto á memoria de Gonçalves Dias.......... $200
LEITE MACHADO
Amor conjugal, poema em 3 cantos.......... $400
NOVAES
Novas poesias acompanhadas de um juizo critico de Camillo Castello Branco 1 vol.......... 2$000

A Bibliotheca Publica

RODOLPHO PAIXÃO

Offerece o auctor R. Paixão

11 Dezemb. 80

SCENAS DA ESCRAVIDÃO

POEMETO

VICTOR HUGO E CASTELLAR

SENIO

RIO DE JANEIRO
NA LIVARIA DE SERAFIM JOSÉ ALVES—EDITOR
83—Rua Sete de Setembro—**83**

LÊDE

A' vós, moços cheios de aspirações e nobres impulsos; á vós, frontes encanecidas nas lides da vida practica, e em cujos corações, a caridade, essa flôr mimosa, candida e bella, brotada dos labios sacrosanctos do Redemptor, ainda não fôra crestada pelo gêlo da indifferença e do egoismo; eu offereço este humilde e despretencioso trabalho!

Ahi vereis tres poesias:—a primeira é a filha querida de minha alma; escrevi-a aos vinte annos, quando alizava os bancos da academia militar, onde formei-me. Foi alli, tendo a meu lado uma pleiade de moços de talento, companheiros inseparaveis de minhas lides litterarias: Henrique Guanabara, mimoso e mallogrado poeta, Pedro Ivo, Luiz Zamith, Dantas Barreto, Corrêa, desse distincto e modesto moço—Urbano Duarte, hoje uma gloria da escola, de Licinio Cardoso, Tito Amaral e muitos outros, que eu alinhavei essas semsaboronas strophes.

Por Deos, não queiraes encontrar n'ellas, fórma e concepção poeticas, perdereis o vosso precioso tempo! Mas algum direito, ó almas prodigas, têm á vossa bondosa indulgencia.

Sabeis o que são essas strophes? Eu vos digo:—São o grito de uma alma de moço, que estremece a sua patria e não detesta a humanidade, contra a instituição indigna, hedionda e infame, cujo pavilhão denegrido por ahi fluctua e baloiça, aos ventos livres d'esta terra da America!

São um protesto contra a mais monstruosa das iniquidades; contra a mutilação atróz do mais sagrado dos direitos do homem—a liberdade; contra o facto anormal, que nenhuma escola philosophica, á menos que não desfralde os extravagantes principios aristotelicos, póde sanccionar e explicar! Por isso desculpae a pequenez do trabalho, pela nobreza de intenção d'aquelle que, fallando pela primeira vez em publico, aos dezaseis annos de idade, foi para defender a lei de 28 de Setembro, que melhorava, de algum modo, as condições d'esses infelizes, creados réprobos pela injustiça dos homens.

Publicando-o, só tenho em mente obter pequeno óbolo, para livrar das garras aduncas do captiveiro, um desgraçado ser, cuja historia vou contar-vos:

Ha dias, indo eu visitar um amigo, encontrei-me com uma senhora da melhor sociedade, representante de uma familia, cujo nome está escripto em muitas paginas gloriosas de nossa historia.

Essa excellente senhora, que muito impressionou-me

pelas suas nobilissimas qualidades, estava acompanhada de interessante moça, de cerca do vinte annos de idade, côr escura, trajada com certo gosto.

Toca muito bem piano e é dotada de uma educação invejavel.

Pois bem, a mãe de tão gentil quão inditoso ente, é captiva! E mais ainda, no dia em que ella seguia para a igreja, afim de receber os laços matrimoniaes, contara-m'o, a distincta senhora, aquella que lhe deu o ser, marchava, entre dous pedestres, para a correcção; porque não tinha dado o jornal á tempo!

Olhai bem para esse quadro, fielmente tirado de nossa sociedade, e dizei-me se ha maior dôr para um coração susceptivel de sentimentos delicados; para uma alma cuja intelligencia cultivada, comprehende toda a grandeza da infelicidade e aviltamento que a cérca?

E' o que tinha a dizer-vos; quanto as outras duas poesias, deixo-as ao vosso criterio litterario.

Côrte, Maio de 1882.

RODOLPHO PAIXÃO.

SCENAS DA ESCRAVIDÃO

SCENAS DA ESCRAVIDÃO

I

Era uma noute bella ! a cupola sombria
Despira pouco á pouco o véo da escuridão ;
E a lua brandamente, á terra que dormia,
Nos raios seus mandava a doce saudação.

. . . .

. . . .

Sahi.... o céo era bello,
A terra bella tambem ;
Queria cantar, qu'é fado,
De um peito que maguas tem.

Queria, á Deus, minhas queixas
Mandar, em doces endeixas,
Nas azas da viração :
Que o vate, pobre mendigo,
Não tem sequer um amigo
Que o peito lhe escute, não !

Cantei, mas era meu canto
Suffocado pela dor ;
Era o pranto de minha alma,
Qu'eu mandava ao Creador.
N'este silencio de morte,
Dizia, quem de seu norte
A senda procura em vão ?
Quem, dos homens, foragido,
Vem carpir, entristecido,
As maguas do coração ?

. . . .

Quantas vezes nossa mente
Um pensamento não tem,
Que um facto apóz, sem demora,
No mundo cumpril-o vem ?
Assim foi—no meu roteiro,

Além, diviso um ribeiro,
Mansamente a deslizar ;
E os astros que scintillavam,
De vez, um raio mandavam
As aguas suas beijar ;

Mas emquanto, n'esta scena,
Que prendera os olhos meus,
Contemplava, extasiado,
A magestade de Deus,
Pelas aguas do ribeiro,
Aos impulsos de um remeiro,
Descia humilde batel ;
E o remeiro maldizia,
Em um canto de agonia,
O seu destino cruel....

O batél que eu divisára,
Na minha frente parou ;
E o trovador, que cantava,
O meu fallar escutou :
—N'este teu batél veleiro,
Pelas aguas do ribeiro,
Onde váes, ó remador ?

Si cantas? eu tambem canto,
Si choras? eu verto pranto
D'um peito que sente dor!

Oh! falla, que eu tambem quero,
Comtigo, vate, cantar:
Que possa sincero canto
Os nossos peitos ligar!
« Eu sou misero prescito,
« Que na fronte traz inscripto
« O signal da maldicção;
« Tenho um peito nobre, altivo,
« Mas, q'importa? sou captivo,
« Vergonha eterna, irrisão!

« Descreio de Deos, de tudo,
« Não tenho patria nem lar:
« Que Deos se tornara alheio
« A' meu constante chorar!
« Ao nascer fui condemnado
« A' vêr o solo manchado,
« De meu sangue e meu suôr;
« Das turbas escarnecido,
« Sim, que o sangue denegrido
« Não as faz tremer, d'horror!

« Minha mãe, est'hóra, ao tumulo,
« Talvez esteja á descer :
« As carnes rótas estavam,
« O sangue d'ella á correr !
« E a desgraçada gemia,
« Aos açoites que brandia,
« Possante pulso d'algoz.
« De vingança eu tenho sêde,
« Ella, á mim, vingança pede,
« Vergada ao castigo atróz !

« Heide vingal-a, mas, antes,
« Minha irmã quero abraçar ;
« De meu pranto, as faces suas,
« N'um beijo quero molhar :
« E' como orvalho que a rosa,
« Pendida n'haste mimosa,
« Faz reviver de manhã,
« O rócio que a dôr acalma,
« O rócio que vertem n'alma,
« Os beijos de nossa irmã !

« Quero vel-a, adeus, ao Monge !
« Muito tenho que remar,

« E' bem tarde, ao longe vejo
« A estrella d'alva á brilhar.
Descera o batel veleiro,
Pelas aguas do ribeiro,
Ao sopro da viração ;
O manto niveo vestindo,
A aurora vinha, sorrindo,
Despertar a creação.

II

Ao doce raiar d'aurora,
A noute fugira, breve ;
E a natureza dormente,
Aos raios da luz fulgente,
Se despertára, de leve.

Quantos encantos que vinham
A minha vista prender !
Oh que divina harmonia,
Que minha alma percebia,
Nesse lindo alvorecer !

As aves trinando canções amorosas,
Alegres, saudavam o sol, que surgia;
E o mundo, que a noute no seio embalára,
Da vida ao bulicio, contente, volvia.

E tudo era bello! mas ah! quanta infamia
Formava contraste com tanto esplendor!
A' par d'esse quadro que a mente enlevava,
Que hórridas scenas, que transes de dor!

E os homens propalam á face do mundo:
—Que tudo progride, que o sec'lo é de luz—
Porém não se lembram dos vis desgraçados
Que jazem curvados ao peso da cruz!

Q'importa que o sangue d'irmãos se derrame?!
Q'importa que o negro resvále no chão?!
—Referva nas taças o nectar divino,
Nasceram captivos, maldictos serão!—....

Os céos, a terra, tão bellos,
Tão triste o meu coração!
Esquecer, eu não podia,
A dolorosa impressão.
Oh! não, aquelle prescito,
Pela cobiça maldicto,
Que commigo se encontrou,
As maguas carpindo, terno,

D'amisade, em laço eterno,
O seu peito ao meu ligou :

Si d'um arbusto que medra
Viçoso, lindo, loução,
A seiva que lhe dá vida,
Vem roubar ingrata mão,
Elle murcha, empallidece,
Pouco á pouco des'parece,
Do vento ao rijo soprar :
Assim definham dous peitos,
Que ligam laços estreitos,
Se alguem os vem separar!

Ao Monge, exclamei, ao Monge!
— O trovador quero ver : —
Um peito que d'outro vive,
Como sem elle viver?
Pelas aguas do ribeiro,
Aos impulsos d'um remeiro,
Humilde batél desceu ;
E quem suas maguas chorava,
No batél que deslizava,
Já sabeis, leitor, ér' eu.

III

Na fralda sombria de um monte elevado,
De densas florestas e bosques cercado,
Nos tempos d'outrora, da fé no esplendor,
Modestas choupanas e um templo fizeram,
Humildes ascétas, onde elles disseram,
Aos filhos das selvas, a vóz do senhor.

E os doceis selvagens, que a cruz abraçaram,
Das pobres choupanas, ao lado, fundaram
Aldeia que o nome de—Monge—tomou.
Passaram-se os tempos e a aldeia sumira,
Porém, nos lugares onde ella existira,
Perduram ruinas e o nome ficou.

E d'essas ruinas, á beira de um rio,
Que as selvas inunda fremente, bravio,

Pequenas palhóças se vêm ao redor.
E' tudo tristonho n'aquellas paragens :
Os troncos vetustos, as densas folhagens,
Do sól absorvem a luz e o calor.

Descendo o ribeiro, na margem direita,
Apóz um rochedo, passagem estreita,
Por entre florestas espessas, vereis ;
Por ella seguindo, si virdes um prado,
De flores agrestes replecto e bordado,
Passai-o, que os sitios do—Monge—tereis.

Eis pois, descripto, do Monge,
O triste logar, leitor ;
Monge! que nome sinistro,
Que nome que inspira horror !
Oh ! não ergamos o manto,
De sangue tinto e de pranto,
Que tanta infamia cobriu :
Houve Nobregas, Anchietas,
Sublimes, grandes athlétas
Da fé que nos redimiu !

Os peitos nobres, indomitos,
Auréolas cheias de luz ;

Que nas florestas plantaram
O sancto symb'lo da cruz.
Estes não eram hyenas,
Que as garras vinham, serenas,
No humano seio cravar;
    E no sangue crepitante,
    Da victima agonisante,
    Os labios seccos molhar!

Não foram elles que outr'ora,
Apunhalando a razão,
Atiraram Galiléo
A's portas da inquisição!
Os homens que á Deus trahiam,
Que sob as vestes traziam,
Homicidas, o punhal;
Que fizeram do sudario,
O mais vil depositario,
Dos beijos da saturnal!

N'esses peitos denegridos,
O crime sempre pairou:
Não foi bastante o anathema,
Do sec'lo que os fulminou!

De sangue sempre sedentos,
Conseguiam seus intentos,
Pervertendo os corações :
D'elles é negra a memoria,
A'quelles, concede a historia,
Fulgentissimos florões.

IV

Descendo o manso ribeiro,
Velóz, ao trilho cheguei,
Que pelos sitios do —Monge—
Vae passar ; por elle andei.
Transpúz espessa floresta,
Onde não vira uma frésta
Que a luz trouxesse do céo ;
Não tinha medo, que o medo
Não paira em peito, que cedo,
Do mundo e tudo descrêu.

Deixando o covil das féras,
Quanto não me achei feliz !
Do prado, que flores bordam,
Diviso o lindo matiz.
Alli chego, vóz sonora,

De um peito que triste chóra,
Aos meus ouvidos chegou:
Quem estas doces endeixas,
Soltando, cheias de queixas,
Da lyra a corda vibrou?

De quem esta alma inditosa,
Que a taça de fél sorveu?
De quem o peito partido,
Das miserias, no escarceu?
De quem a vóz, eu dissera,
Tão triste, que dilacéra
As fibras do coração?
Eis que de novo rebôa,
Perdida, boiando a tôa,
Pelos mares d'amplidão:

« Ai não blasphemo, que m'importa o mundo,
« Paúl profundo de miserias vis?
« Q'importam dores, agonias d'alma,
« Si espero a palma n'um viver feliz?!

« A vida triste, que passado tenho,
« Carpir eu venho na feral soidão;

« Ai não blasphemo, que de Deus, minha alma
« Espera a palma na feliz mansão !

« Ai não blasphemo, do cruél martyrio
« Louca, em delirio, não maldigo á Deus;
« Ai não ! eu chóro, que chorando esta alma
« A dòr acalma dos tormentos seus !

Pé ante pé, me approximo,
Vejo uma mulher, então,
Desfeita em pranto, co'a face
Apoiada sobre a mão.
        Seus trajos eram singélos,
        Os olhos negros e bellos,
        A cutis negra tambem :
        Filha da raça maldicta,
        Desgraçada ismaelita,
        Do mundo eterno desdem !

O tu que chóras, lhe disse,
Porque tu chóras assim ? !
Falla, que um peito sincero,
Infeliz, terás em mim.
        « Porque chóro ? E' que a desdita,
        « Diz ella, não mais hesita,
        « A minha fronte sellou ;

« Sou moça, mas já descrida,
« Aborreço o mundo, a vida,
« Que o mundo esta alma gelou!

« Se visses tua mãe, pendida,
« Do azorrague ao estalar,
« Gritando : O' filho valei-me,
« Vinde meu pranto enchugar!
« E perto, bem perto d'ella,
« Tu não podesses valel-a
« Naquella triste afflicção ;
« Se visses agrilhôado
« E sob férros curvado,
« O teu desgraçado irmão;

« Não choráras ? Oh! e muito,
« Tão duro peito não ha :
« Quem tal vendo, pranto ardente
« Aos olhos seus não virá ? ! »
E em soluços suffocada,
Delirante, desgrenhada,
Concluiu. Chorei tambem :
O vate é sempre sensivel,
Em seu peito ineshaurivel,
O pranto sempre elle tem.

Os olhos, além, volvendo,
Ella atirou-se no chão,
Com vóz dorida exclamando :
« Ai ! é elle, é meu irmão ! »
Um grupo diviso, perto ;
De ferros, todo coberto,
N'elle vinha o trovador ;
Seguiam seus passos tremulos
Dous feitores, dinos emulos
Do tyrannico senhor.

Por nós passando elle pára,
Cheio de pasmo e de horror:
« Adiante ! os feitores bradam,
« Negro não póde ter dôr ! »
M'encarando, elle estremece,
Nessa hora não desconhece
A' quem suas magoas contou ;
E o grupo deixando o prado,
De agrestes flores bordado,
Nas florestas se occultou.

V

Segui-os tristemente e fui em meu percurso,
Sentindo n'alma a dôr das consciencias puras,
Ao ver a scena vil, o deshumano quadro,
Que desdobramos nós ás gerações futuras!

O' vós que daes ao negro a morte, impunemente!
E d'alma lhe roubaes, com cynicas razões,
A doce liberdade, a dadiva sublime,
Que Deus á todos fez sem tòlas excepções,

Medi, eu vos imploro, a vossa iniquidade:
O escravo—esse infeliz—de carne e osso é feito;
Não vedes que elle tem um peito como o vosso,
Que sob a cutis preta ha corações de eleito?!

. . . .

Chegamos á senzala, alli se via,
De mãos atadas, c'o pisado sangue
Correndo em borbotão;

Do vate a velha mãe, desfeita em lagrimas,
Ao barbaro senhor, qu'inda acoitava-a,
Pedindo compaixão!

Volvendo-se, o malvado os olhos préga
No misero captivo, cujos passos
Conhecera, ao entrar.
Satannico sorriso aos labios vem-lhe,
Qual féra que se alegra, ao vêr a presa,
Onde as garras cravar.

E diz-lhe : Desgraçado o que fizeste ?
« Pensáras, por ventura, eternamente,
« Aos olhos meus fugir ?
« Insensato que foste! o bosque, a selva,
« A natureza inteira não podia
« Teus passos encobrir !

« Tanta ousadia pagarás bem caro;
« O' lá, feitores, estas pègas fóra;
« Amarrem-n'o ao mourão !
Elle ouviu, em silencio, tal infamia,
Tendo na mente da vingança a idéa,
E fél no coração !

Do senhor, o vergalho estála ainda,
A negra não resiste, já sem forças,

Sobre o chão desfallece !
Da colera o furor os labios sécca,
Do filho, que a mãe vê n'aquelle estado,
E o mourão estremece.

As cordas arrebenta, as mãos dirige
Sobre um punhal, e rapido se atira
Ao barbaro senhor :
« Treme assassino ! minha mãe mataste
« E as nodoas que deixára o sangue d'ella,
« Diz-lhe cheio de dôr :

« Teu proprio sangue, aos céos aqui eu juro,
« Laval-as hade sobre as vestes tuas,
« O' monstro sem igual !
« Soccorro ! vezes tres—, soccorro !—brada
O verdugo feróz, que via proximo,
O momento final.

Seus gritos escutou a terna filha,
Que ao lugar da terrivel scena corre
Veloz, em commoção ;
Oh que aspecto imponente, a virgem candida,
Qual a branca bonina, no desmaio,
Apresentava então !

—Ah! não mateis meu pae,—convulsa exclama,
E offerece o niveo seio, palpitante,
Por elle, á expiação;
Ardente pranto em borbotões jorrava
Dos olhos seus mimosos. Treme o vate,
Cahe-lhe o punhal da mão!

Cedeu! aquelle peito altivo e nobre,
Ao fitar da candura a doce imagem,
Humilde se curvou!
Depois, da pobre mãe, o peito gelido,
D'onde fugira para sempre a vida,
Contra o seu apertou.

Verteu amargo pranto.... não podendo
Tão duros golpes supportar da sorte,
Scismou e enlouqueceu;
Poucos dias, apoz, abrio-se um tumulo,
E alli foi descançar em paz perpetua,
Quem tanto padeceu!

Corte, 1874.

VICTOR HUGO E CASTELLAR

VICTOR HUGO E CASTELLAR

I

Dois genios collossaes, na fronte excelsa,
Auréola trazem de fulgente brilho :
Atalaias que espreitam, na estacada,
Do sec'lo a marcha ; e se elle deixa a senda
Do progresso, da luz, da liberdade,
Eil-os que surgem no luctar titaneo,
O arrastam do desvio, o abysmo mostram-lhe,
A vereda aclarando entre os cachópos !
Oh ! e a França, a nação das epopéas,
O povo que memora tantas glorias
De um passado de lucta e de fulgores !

A virgem que rasgando o niveo seio
Nos alfanges reaes, banhada em sangue,
Bradara altiva—Liberdade aos povos—!
E a França, de Voltaire, a mãe sublime,
Voltaire—o pensamento, o vasto genio
Que as lettras, a sciencia, o povo e tudo,
Erguera do profundo, immenso pélago!
No seio recebera o fructo excelso,
A estrella cuja luz, primeiro, ao longe...
As trévas devassando aclara o porto.
E a Hespanha, a bella Hespanha destitosa!
Pobre Ashavérus que procura, embalde,
A liberdade, que lhe foge sempre!
Em partilha tivera eximia dadiva:
Assim devera ser, dois povos grandes,
Vergonteas de um só tronco, irmãos em tudo,
Merecem contemplar, em doce amplexo,
Tam bellos fructos dos fecundos seios!
Esses genios tam grandes como o seculo,
Que as trévas devassando, o mundo guiam,
Que á luz dos verbos avassallam póvos
E os thronos despedaçam n'um momento;
Os astros que alem mostram, entre as brumas,
Replecto d'esplendor, o vasto templo,

Que procura a descrida humanidade,
Onde possa da luz e do progresso
Effluvios aspirar, beber a vida,
Que sente lhe faltar aos lassos membros,
O mundo os chama—Victor Hugo, o craneo,
E Castellar, o verbo, os dois gigantes,
Que nos destroços de corruptos sceptros,
Da liberdade o pedestal assentam !

II

Por entre as franjas do horisonte immenso,
Replecta nuvem, que surgira negra,
Segue do sol o luminoso trilho ;
Augmenta, cresce, accelerando a marcha,
O alcança, ao meio, na veloz carreira,
E sobre a face lhe estendendo o manto,
Cobre de trévas a cerulea abobada :
Rompe-se a nuvem, a tormenta passa,
Da luz aos raios, deslumbrada, a França
Sublime anceia em divinal transporte :
E' do povo o gigante pulso, enorme,
Que despedaça carcomido throno ;
E' Lamartine, o portentoso vulto,
Que arrasta a populaça e nas ruïnas
Desfralda altivo a tricolor bandeira !

De novo em trévas se envolvera o espaço,
Funéreo manto se distende ao longe :
E' Bonaparte que desponta lúgubre,
E traz a infamia no corrupto peito,
Nos regelidos labios a perfidia,
Nas descarnadas mãos, de fratricida,
O punhal que da patria o peito rasga,
E a hórrida mortalha, que mais tarde,
Cobril-a deve, de Sedan, no tumulo !
« Detem-te, despota, na furia insana ! »
Herculeo vulto lhe bradára ao longe,
« Detem-te, ! eu surjo na gigante lucta,
« E o povo segue, no luctar titaneo,
« O athleta enorme que biparte o gladio,
« No frio peito de cruel verdugo !
Treme o tyranno, empallidece ao brado,
E grita a côrte que lhe beija as plantas :
« Para Jérsey, senhor, exilio ao genio ! »
Oh ! foste louco, que apagar não pode-se,
Um astro, que no gyro, sobre a terra,
Catadupas de luz derrama prodigo !
Da curva que descreve, cada ponto,
Mandára um raio p'ra offuscar-te os olhos !
Desgraçada irrisão gelou-te os labios !

Da triste Jérsey, nos penedos calvos,
Cuspira-te nas faces descoradas,
Pelo livido beijo da perfidia,
—*Os Miseraveis*—Colossal vingança ! !
Auréola que do genio a fronte cinge,
Deifica, immortalisa o nome egregio !
    Foi grande teu delirio, Bonaparte,
    E grande a insania que cegou-te os olhos !
    Icaro, que no vôo beija a terra,
    Tentaste, louco ! disputar o lance,
    A' aguia altiva que não mede o espaço,
    E cahiste de rôjo sobre o lôdo,
    D'onde surgiste por fatal acaso !

III

Um povo nas angustias debatia-se,
Opprimido, curvado ao jugo ferreo
Que a seiva lhe sorvia, o sangue, a vida,
E a voz do verbo que electrisa a plebe,
A' queda arrasta o corrompido throno.
Das bellas plagas da formosa *Cid*,
Excelso palco dos pelagios feitos,
Foge o medonho, espavorido espectro,
Transpõe dos *Alpes* as nevadas grimpas,
E as negras azas na espelunca bate,
Da prostituta Roma—asylo digno!
« O progresso é uma lei... disséra o genio,
« Immutavel principio, irrevogavel,
« Que eterno rege das nações a marcha:
« E és do progresso, meretriz c'roada,
« Negro espantalho, desgraçada antithese!

Côrte, 1876.

ȘENIO

SENIO

Poesia feita por occasião do anniversario da morte de José de Alencar.

Romeiro que seguiste a trilha d'esse norte,
Onde ha trevas ou luz, ha vida eterna ou morte ?
O' tu, cantor egregio, excelso pensador
Que fulminaste o crime, o erro, o despudor,
E com nobre altivez de uma alma grande, invicta,
A fronte não curvaste aos golpes da vindicta ;
Ah! dize-me, se acaso, o genio foi profundo,
A duvida de Hamleto arremessando ao mundo ?!
Si não fôra illusão do craneo em desalento,
Suppôr o nada allivio ao perennal tormento,
D'um coração rasgado ás settas dessa dôr :
—Replecto de vingança e a transbordar de amor ?!
O' duvida tremenda, eternidade ou nada,
Sem a mente esmagar na tenebrosa entrada,

Quem póde penetrar-te e dar um passo avante ?!
Mas, não, cantor, eu ouço a tua vóz gigante,
Como um protesto vivo á esmagadora idéa
Que torna uma alma crente e ao mesmo tempo athéa :
—Q'importa de Voltaire a negação atróz
—Que géla os corações e faz tremer a voz,
—Quando n'alma elle tinha o fogo abrasador
—Que ao mundo o obrigava á dar um creador ?
—Q'importa que a materia ao throno seja erguida
—E o relativo estenda a dextra enregelida ?
—Que fação de um bandido o *simile* do Christo
—E abulão Jehovah, por ser painel já visto ?
—Aqui, da esphera em meio, a luz da divindade,
—Eu vejo borbulhar por sobre a humanidade ;
—E quando a grande Obra, a creação sublime
—Começa á s'estorcer nas trevas e no crime,
—O bondadoso pai, de sancto amor replecto,
—A filha de sua alma, o seu prazer dilecto,
—Não deixa perecer ás fauces de um abysmo.
—O' monstros de vaidade, ó monstros de egoismo,
—Que derramais a dôr, o desespero, a morte,
—Nos pobres corações de que roubais a sorte ;
—Ouvi, eu vos imploro, a voz da consciencia
—Que pede :—não quebreis o sceptro da sciencia,

—No erro collossal que proclamais verdade:
—De ser ella o phanal de vossa impiedade!
—Não lhe negueis a essencia, acérrimos atheus,
—A verdade ella diz, mas a verdade é Deus!
Ouvi-te e sinto n'alma o doce lenitivo
Que só nos dão a fé e a crença no Deus-vivo.
E se no meu transporte, á dôr do coração,
Dos olhos meus rebenta o pranto em borbotão,
E' que da patria eu ouço a triste voz, sentida,
Que aos céos inda lamenta a funeral partida!
Profunda é sua magua, a sua dôr extrema,
E o pranto da saudade, o pranto de Iracema,
Derrama sobre a campa, a gelida morada,
Onde d'alma repousa a perola roubada!
E' que da cara esposa, envolta em negro véo,
Eu vejo a fronte erguida á interrogar o céo,
E os tenros rebentões, as louras criancinhas,
Por entre a multidão á desfilar, sosinhas!
Que fazem? Onde vão? dos anjos qual o trilho?
O pranto da innocencia, as lagrimas de filho,
Saudosos vão levar á quem lhes dera um nome,
Que o seculo respeita e o tempo não consome!
E' que do sabiá, o languido cantor,
Eu ouço na floresta uma canção de dôr.

Oh! desespero, oh! magua, o pobre passarinho,
Já não escutas mais, já não lhe dás carinho!
Não vês? a branca flôr, a candida açucena,
Em goivo se tornou. O' doce brisa, amena,
Embalde murmurais em torno á flôr mimosa,
Já não tem mais frescor a pudibunda rosa!
O monte, a serra, o valle, a natureza inteira
De luto se cobrio, á hora derradeira,
Em que soltaste d'alma a despedida atróz.
O' morte, ó dura morte, ó negra sombra, apóz
Um scintillar de genio, á descambar na historia,
Porque roubaste á patria a fulgurante gloria?
Foi cedo, muito cedo! á orbita gigante
Descripto inda não tinha aquelle genio atlante.
O gyro estava em meio, oh! quantos sóes ainda,
Terião de eclipsar-se á irradiação infinda,
Da estrella, que ao surgir, no vasto céo da idéa,
Um traço assignalou na lucta gigantéa,
Que ha seis mil annos trava o pensamento humano,
Em busca da verdade, e em batalhar insano.
Cortaste d'aguia o vôo ás regiões da luz,
A' esphera que derrama, em borbotões, a flux,
Os louros do porvir, os divinaes poemas,
Conquistas da razão nas pugnas extremas.

Porque privaste o genio, o coração d'eleito,
Das honras immortaes do portentoso feito
Que ás glorias do passado um pedestal erguia ?
N'aquelle craneo, ó morte, um mundo enorme havia,
Do qual jorrava a luz, em catadupas, tanta,
Que as trevas espancou da estrada sacrosancta
Que as gerações conduz ao templo esplendoroso,
Que tem da liberdade o portico ditoso.
A méta estava além, mas ah, q'importa um passo,
Ao astro que não mede a vastidão do espaço ?
Um pouco mais de vida e deslumbrante aurora
Viria annunciar a memoravel hora ;
A hora em que sagrando, a humanidade, um genio,
A patria em commoção bradasse ao mundo —Senio !

Alto-Uruguay—1881.

* * *

Rimas innocentes, leitura para homens.............. 1$000

* * *

Rimas poeticas, collecções de poesias livres.......... 1$000

* * *

A revolução, poema, heróe-comico, cujo assumpto é a revolução de Maria da Fonte.................... 1$000

JOSÉ' AVILA DE MIRANDA OSORIO

Primeiras estrophes .... 1$000

J. CUNHA CARDOSO

Depois do trabalho............. .... 2$000

BRUNO SEABRA

Cinzas de um livro................................ $400

RAMOS DA COSTA

Scintillações..................................... 1$000

ERNESTO RABELLO

Contos e poesias Açorianas........................ 1$000

CASTRO ALVES

Espumas Fluctuantes, edição popular com 22 poesias novas, 1 bello v......... .... 1$000

CASTRO LOPES

Resurreições...................................... 2$000

THEOPHILO DIAS

Lyra dos Verdes annos............................. 1$000

SYLVIO ROMERO

Cantos do fim do seculo........................... 2$000

GUIMARÃES

Cantico dos canticos.............................. $200

ANTONIO CUBA

Rabiscos.. 1$000

THOMAZ RIBEIRO

A judia $200

MACHADO DA CUNHA

Dentadas, satyras e epigrammas, com uma introducção de Francisco Cabral.......................... 1$000

MANOEL PESSOA DA SILVA

Marquez do Paraná, poema.......................... 2$000

MANOEL ODORICO MENDES

Illiada de Homéro em verso portuguez.............. 3$000

PADRE CORREA DE ALMEIDA

Satyras e Epigrammas.............................. 1$000

A Republica dos tolos, poema heroico-comico-satyrica 2$000

* * *

Sorpresa Poetica, recitativos..................... $200

MARIO

Versos, com introducção do Sr. Tapajoz................ 1$000

FRANCISCO DE PAULA BRITO

Poesias.. 2$000

Fabulas organisadas em quadras..................... 1$000

PEREIRA REGO

Auroras e sombras, poesias lyricas.................. 2$000

ANTONIO JOAQUIM ALVARES

Horas Vagas...................................... 1$000

FREDERICO JOSE' CORREIA

Inspirações poeticas................................ 2$000

SARMILHÃ

O suppliciado...................................... 1$000

XAVIER DA SILVA

Quadros naturaes, 1 v. enc.......................... 2$000

C. DIAS

Preludios lyricos 1 v. enc.......................... 3$000

VALENTIM MAGALHÃES E H. MAGALHÃES

Vida de seu Juca, parodia á morte de D. João, de Guerra Junqueiro.. 2$000

MANOEL BENICIO FONTINELLE

Satanópolis, poema.................................. 2$000

MUCIO TEIXEIRA

O inferno politico.................................. $100

PEDRO LUIZ

Voluntarios da morte................................ $500

MONTEIRO

Elisia poetica ou collecção de poesias modernas de autores portuguezes, obra rarissima e estimada, 5 v. 15$000

JOAQUIM JOSE' TEIXEIRA

Fabulas... 2$000

Versos.. 3$000

MORAES SILVA

Scintillas... 1$000

AUGUSTO EMILIO ZALUAR

Uruguayana.. $500

ANTONIO FELICIANO DE CASTILHO

Os ciumes do Bardo, poema........................... $200

Os amores de Ovidio. 1º vol......................... 10$000

CAETANO FILGUEIRAS

Idylios... 2$000

No prelo

A morte de D. João por Guerra Junqueira, 1 v....... 1$500